

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JEAN-MARIE STRAUB - NUNCA RECONCILIADO
21 de janeiro de 2023

DALLA NUBE ALLA RESISTENZA / 1979

(*"Da Nuvem à Resistência"*)

um filme de Jean-Marie Straub e Danièle Huillet

Realização, Montagem e Argumento: Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, baseado em "Dialoghi con Leucò" e "La Luna i Falò" de Cesare Pavese / **Direcção de Fotografia:** Saverio Diamanti e Gianni Canfarelli / **Figurinos:** Cantini / **Música:** dirigida por Gustav Leonhardt / **Som:** Louis Hochet e Georges Vaglio / **Interpretação:** **1ª Parte:** Olimpia Carlisi (Nefele, a Nuvem), Guido Lombardi (Issione), Gino Felici (Hippolocus), Lori Pelosini (Serpente), Walter Pardini (Edipo), Ennio Lauricelle (Tiresias), Andrea Bacci (1º caçador), Lori Cavallini (2º caçador), Francesco Ragusa (Litiere), Fiorangelo Pucci (Herácles), Dolando Bernardini (pai), Andrea Fillipi (filho); **2ª Parte:** Mauro Monni (o bastardo), Carmelo Lacorte (Nuto), Mario di Matta (Cinto).

Produção: Straub e Huillet; RAI; Janus Film; Artificial Eye / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, legendado eletronicamente em português, 105 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Cannes (secção "Un Certain Regard"), Maio de 1979 / **Primeira apresentação em Portugal:** Festival da Figueira da Foz, 17 de Setembro de 1980 / **Inédito comercialmente.**

1. **Da Nuvem à Resistência** é um filme que, tematicamente, se situa entre **Não Reconciliados** e **Moisés e Aarão**. Como **Não Reconciliados** reconduz-nos ao tema da comunidade dividida, da comunidade minada pela suspeita e pela traição; como em **Moisés e Aarão**, e cito Manfred Blank assistente dos Straub em **Da Nuvem...**, o mitológico descodifica-se enquanto modo de um novo escrever a história.

2. Severos como são, os Straub têm por princípio manter em relação aos textos que utilizam uma incontornável fidelidade. Registe-se, porém, que no caso dos dois romances de Pavese adaptados neste filme, exercem um trabalho de selecção (é Serge Daney quem o diz: "*Falou-se demais do respeito meticuloso dos Straub aos textos para não se notar aqui em que sentido eles sabem também violentá-los*") que, face a essa pretensa regra de fidelidade dificilmente poderia ser mais infiel. Assim, dos 27 diálogos de "Dialoghi con Leucò" apenas 6 surgem, enquanto que de "La Luna i Falò" apenas um terço do romance é utilizado. Não falamos sequer dos cortes operados.

3. Fundamentalmente feito em planos fixos - ou não fosse o plano a unidade por excelência dos Straub - e relativamente longos, com os actores fugindo obliquamente da representação neutra, embora procurando que seja minimal a carga dramática, assim é **Da Nuvem à Resistência**. Para garantir a inexistência de tensão dramática, a dicção é por vezes quebrada e a imagem (ou a sua ausência) no ecrã passa a negro, com os diálogos (ou o monólogo) em *off*. O som é de uma pureza espantosa (veja-se o plano da fogueira, no diálogo dos caçadores, com um vento absolutamente fabuloso) misturando-se com os diálogos (e suponhamos por um instante que estes são algo mais do que som). As mudanças de luz na fotografia são de uma admirável subtilidade (do

que é exemplo o plano em que Nupo conta a morte de Santina, durante o qual, como diz o citado Blank, o sol se muda de este para oeste).

4. Porquê esta insistência na matéria mesma de **Da Nuvem...** ? Porque, creio, são estes os elementos que subsistem - que resistem, para estar de acordo com o filme e com o que disse próprio Straub - já que a moral decorrente da sua posição de princípio me parece (e passo aqui a juízos pessoais que estas folhas também comportam) cada vez menos sustentável. Tentaremos esclarecer a questão.

5. Há um texto de Serge Daney - uma sincera defesa do filme - que revela justamente um dos principais vectores do filme, senão mesmo o principal: a resistência. Mais, uma tripla resistência: "*dos textos aos corpos, dos lugares aos textos e dos corpos aos lugares*". E, acrescenta Daney, uma quarta resistência se desenha: a do público a esse cinema que o nega como público. A permanência desta temática é, a meu ver, fortemente limitadora enquanto constitutiva de uma estética e de uma ética. Resistência e negação são elementos formadores de uma galáxia oitocentista atormentada ainda pela mancha hegeliana, ou se quisermos pela sua in/versão corrente, o marxismo, que para garante do levantamento total do seu edifício precisa, como do pão para a boca, da nuvem da suspeita e da iminência da traição.

6. Nesse sentido, **Da Nuvem...** acaba por ser um filme de má-fé: temos aí o cinema que suspeita do cinema e que, contudo, só dessa suspeita se constitui. Ou seja, **Da Nuvem...** dá-se como pura negação, tendo como bastante satisfação a que decorre do processo penal: apanhar em falta. Manifestamente mais interessante do que **Trop Tôt, Trop Tard** anuncia-lhe ainda assim a intenção inquisitorial (este filme é de 1980 e conta o esmagamento dos plebeus em particular do campesinato depois da Bastilha. Isto na primeira parte. Na segunda, refere a epopeia do povo egípcio, isto é, a revolta das classes trabalhadoras ao longo de milénios). Assim, a evidente didactização da mitologia na primeira parte conduz à univocidade do sentido (ao terror do Sentido) - não falo sequer da inexpressividade, mas o caso é que a premeditada perca de expressão de Straub corresponde a um ganho de autoridade - de modo a que a analogia (a mais académica das figuras) ganha campo na segunda parte, dando ao *fait-divers* campesino uma caução que o faz passar por universal (em termos históricos como estéticos).

7. E se não há dúvidas que a questão central é a de poder, sendo as questões de gosto e competência meros apêndices desse poder, que pode este texto face ao filme de Straub? Nada. E tanto melhor assim. Porque só quando não se pode nada é que é possível escrever a partir da hesitação, da reformulação. Agora, que escrevo este ponto 7, já mal subscrevo o ponto anterior, embora não hesite em relação ao ponto 5, que deve permanecer como está, intocável. No fundo, para que as coisas avancem é preciso, por vezes, preocuparmo-nos muito pouco em ter ou não razão. E é isso que mais custa suportar a **Da Nuvem à Resistência**, a militância obsessiva em favor da razão, essa purga constante dos que caem fora das malhas do Sentido e da História, e que esta declaração de Straub, parece corroborar: "*Pretendo que os filmes que fazemos sejam filmes proletários e a única hipótese que temos de tocar uma parte do público que não pertença ao público dito cultivado e da classe dominante, é justamente a televisão*". De facto, é a declaração de quem resiste, de quem solidificou, que é o mesmo que dizer: eis o estereótipo.

Manuel S. Fonseca